



O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão: Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

AO norte da T. da Memória, e a ligar esta com a Rua do Jardim Botânico, existe a Calçada da Memória, uma rua que pertence a duas freguesias, mas que, parece que por isso mesmo ninguém faz caso dela. Há muitos mezes intransitável, de tal forma que um carro que se atreva a percorrê-la, só o poderá fazer a meio quilometro á hora e arriscado a ficar sem molas. Lembra-nos que aí por alturas de Maio ou Junho, os passeios foram ocupados por montes de pedras, cremos que deitados ali para serem utilizados no concerto da rua.

Passaram quatro ou cinco menses. Os carros já não transitam, e se o leitor não quiser acreditar que em breve os habitantes daquela arteria têm que praticar acrobacia, vá até lá que não perde o tempo.

16! São dezasseis, nada menos, as artérias desta freguesia, não falando nas que estão em reparação, que há mezes se encontram pejadas de entulho que obstrui o transitio. Ei-las: Ruas Augusto Gomes Ferreira, Casalinho, Cruzeiro, D. João de Castro, D. Vasco, Guarda-lóias, João de Barros, Mirador e Quarteis; Calçadas: Galvão, Memória e Tapada; Largos: Ajuda e Rio, Sêco; Travessas: Fiandeiras e Florindas.

A quem competir pedimos providencias.

Já depois de composto o nosso editorial, tivemos conhecimento que fôra demolida ontem, no Caramão, área desta freguesia, em virtude duma recente resolução camarária, uma barraca e apreendido o material que a constituía, por ter sido feita sem a indispensável licença. Não achamos isso bem; tanto mais que essas barracas raras vezes são construidas com o espirito interesseiro mas sim para os seus proprietários se livrarem das exageradas rendas que lhes exigem e difficilmente podem pagar.

Facultem-lhes casas de rendas em harmonia com os seus recursos e depois terão direito de ser rigorosos.

Agua mole em pedra dura...

Não é demais voltará carga, agora que por todos os cantos se propala com insistência na hora das realizações. O ambiente reclama calma, sangue frio... As chuvas limpam as ruas, refrescaram os campos, a terra matou a sede... Deus que é grande sabe ou pelo menos procura contentar todos... embora os desejos e ambições de cada um sejam os mais diversos.

Pelo decreto n.º 23:052, últimamente publicado, fica o Governó autorizado a promover a construção de casas económicas, em colaboração com as câmaras municipais, corporações administrativas e organismos do Estado.

A crise de habitação é um problema de todos os tempos e de todos os países, procurando cada qual resolve-lo o melhor possível, organizando-se empresas, companhias e sociedades construtoras com a participação do Estado, no sentido de atenuá-la.

A crise da falta de casas de que tanto se fala, ainda não foi encarada no seu aspecto principal, social e económico.

Analizando rápidamente essa realidade, conclue-se que não há falta de casas, atendendo que por toda a cidade se verifica a existência de prédios que desde o rezdo-chão ao último piso, mantêm afixados nas vidraças os quadradinhos brancos, sinal evidente que não estão ocupados.

E a razão explica-se sem subterfúgios nem jôgo de palavras: *¿* Quem poderá, sem sacrificio, pagar uma renda de 300 ou 400 escudos quando o seu vencimento mensal não vai além de 600 escudos, com encargos de família?

¿ E se apontarmos a grande maioria que aufer 200 e 300 escudos? *¿* E aqueles atingidos pelo desemprego? Seria um nunca acabar de interrogações de difficil resposta!

A resolução da crise de habitações está no seu preço barato; e no dia em que tal fôr resolvido ou atendido, o combate à promiscuidade, à falta de hygiene e a tantas outras enfermidades a que a população de Lisboa está sujeita, será uma realidade!

Tem-se impulsionado a construção de casas económicas, isentado durante determinados anos o pagamento de contribuições e o resultado nulo, porque os seus proprietários preferem que os prédios estejam desabitados a alugá-los por rendas módicas ao alcance das bôlsas dos que labutam dia a dia para angariar os meios de subsistência para si e sua respectiva prole!

¿ Quantas misérias encobertas, quantas necessidades insatisfeitas, quantas privações de alimento, de vestuário, de hygiene e de conforto se patenteiam nesta cidade de marmore e granito, para que no fim do mês não falte a renda ao senhorio?

(Conclue na página 7)

AGRADECEMOS ao nosso colega «Ecos de Belém», as palavras de felicitações que nos enviaram por ocasião do nosso aniversário.

— Também o interessante órgão do Carnide Club, se referiu ao nosso aniversário com palavras que muito nos sensibilizaram. Ao «Carnide», enviamos as nossas saudações.

HÁ bastante tempo que chamamos a atenção de quem competir para o facto da carroça que transporta os dejectos do Casal Pedro Teixeira, fazer diáriamente os despejos numa sargenta que fica ao tópo da Calçada da Ajuda, o que representa um perigo para a saúde. Não será justa a nossa reclamação? *¿* Se é, porque nos não atendem?

ACABA de ser resolvida por sentença judicial a favor do autor, a questão suscitada entre os srs. António Maria Maldonado e António José dos Santos, escrivão do Juizo de Paz da Ajuda.

DA nossa illustre colaboradora «Miernia», recebemos uma crónica, que por absoluta falta de espaço, só publicaremos no próximo número.

NA Academia Recreativa Familiar 1.º de Janeiro de 1913, teve lugar no dia 8 do corrente, uma festa dedicada ao «team» de honra do C. F. Belenenses e ao seu corredor ciclista Militão Leal, para a qual recebemos convite, que muito agradecemos.

PEDIMOS a quem superintende nêstes serviços, que evite quanto possível, aquela moitureira existente de fronte da porta n.º 259 da Calçada da Ajuda, que é uma vergonha, sendo obrigadas as pessoas que por lá passam, a tapar o nariz. E' um local, frequentado por estrangeiros, quando visitam o Palácio e se destinam ao campo de jogos dos ingleses, e que ficarão muito mal impressionados com o facto.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

RUMO DESORDENADO

Têm-se sucedido ultimamente pelas estradas desse país fóra os accidentes de viação, repetindo-se as suas desastrosas consequências em proporções tais, que tornam a circulação dos veículos automoveis um problema verdadeiramente alarmante. O noticiário dos jornais relata diáriamente o número confrangedor dos atirados dolorosamente para os catres dos hospitais, a maior parte das vezes inutilizados para toda a vida, quando não levados logo aos mármores frios do necrotério. Hoje é um automovel que atropela um adulto ou uma creança; amanhã, um auto-carro que se despenha por uma ribanceira apinhado de passageiros; depois, é um comboio que esfrangalha um carro numa traiçoeira passagem de nível; outras vezes ainda é uma camioneta que «estampa» um pobre motociclista de encontro a um muro — uma verdadeira tragédia de sangue, luto e dor — e tudo porque por essas estradas se circula desordenadamente, sem se cumprirem as regras má's elem n' res da segurança, sem se atender aos preceitos do trânsito, numa desordem onde cada qual faz o que lhe apetece.

Circula-se fazendo-se das estradas verdadeiras pistas de corridas, tomando-se as curvas pelo lado contrário, ultrapassando-se sem as precauções devidas, fazendo-se letra morta dos regulamentos, num desprêso pela vida alheia que causa calafrios.

E' certo que a quasi totalidade dos atropelamentos se deve exclusivamente á incuria dos peões, que ignoram em absoluto os seus deveres de tranzeantes; é certo que grande percentagem dos accidentes se deve á construção defeituosissima das nossas estradas, quasi todas delinçadas para o transito mais que rudimentar de há cinquenta ou sessenta anos — mas também é certo que se poderiam reduzir grandemente os accidentes de viação se todos os individuos munidos duma carta de condutor tivessem a noção

exacta das suas responsabilidades e dos deveres que lhes competem.

Se todo o individuo que maneja um guiador ou um volante se conduzisse nas curvas de forma a nunca, em caso algum, ultrapassar uma linha imaginaria que dividisse a moio a estrada, evitar-se-iam, segundo as estatísticas, sessenta por cento dos accidentes de viação.

Com a melhoria que nos últimos anos têm sofrido as nossas estradas, certos condutores de automóveis de luxo, mas muito principalmente das numerosissimas camionetas de carga que hoje abundam, tornaram-se verdadeiros homicidas, que era bom meterem-se na ordem, a bem de quem se vê na necessidade de utilizar a rua e a estrada.

Não se pode, evidentemente, proibir a velocidade, quando ela se pratique em estrada livre, porque isso seria negar o progresso — mas pode, sim, obrigar-se a que se cumpram com rigor as determinações estabelecidas a bem da circulação e para isso toda a severidade é pouca. Sobeja-nos autoridade para abordarmos o assunto porque, pessoalmente, nos utilizamos da estrada como condutor. Que se ande depressa mas observando os regulamentos — sim; mas que se ande á toa — em rumo desordenado — Não!

Afonso Aço.

II EXCURSÃO ANUAL

promovida pelo jornal
«O COMÉRCIO DA AJUDA»
a efectuar nos dias

12 e 13 de Agosto de 1934

em auto-car de luxo, visitando:
Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazareth, Alcobaça, Batalha, Leiria, Vila Nova de Ourém, Fátima, Tomar, Torres Novas e Santarém

PARTIDA DA AJUDA ■ CHEGADA Á AJUDA

Quotisação semanal de 1\$50 por pessoa
Iniciada em 7 de Outubro

Informações e inscrição na GRÁFICA AJUDENSE
C. da Ajuda, 176 — Telef. B. 329

RESERVADO O DIREITO DE SELECÇÃO

ANIVERSARIO DA REPUBLICA

Acompanhadas dum amável officio, recebemos da Junta de Fréguesia da Ajuda, seis senhas para o bôdo que distribuiu por ocasião do aniversario da implantação da República.

Em nome dos nossos pobres contemplados, agradecemos muito reconhecidos.

Também do Centro Escolar Republicano de Belém, recebemos um officio convidando-nos a assistir á sessão solene para distribuição de prémios aos alunos que mais aproveitamento tiveram no passado ano lectivo, e que teve lugar no dia 5 do corrente, tendo uzado nesse momento da palavra, oradores consagrados, que ao terminarem os seus discursos, foram alvo de grandes ovações.

Pela gentileza do convite, confessamo-nos muito agradecidos.

ATAQUE INESPERADO

Quando há dias um dos nossos redactores falava com alguns amigos, foi abordado por um grupo de paroquianos, que chistosamente o obrigaram a abandonar a conversação que tinha, e o fizeram percorrer alguns caminhos, que o referido grupo afirmava terem sido *ruas* desta freguesia.

De facto o nosso redactor lembra-se que existiu uma travessa da Boa-Hora que hoje só se pode percorrer de barco, quando chove; uma que se chamou da Memória mas que actualmente necessita da reconstrução das pontes da Buraca; outra que se chamou Rua das Mercês mas que só tem de aproveitavel, ainda, os passeios; outra que se chamou Rua de D. Vasco, hoje atoleiro de aldeia sertaneja, sem contar com tantas outras no mesmo estado.

Ora, os mencionados paroquianos da Ajuda, vinham até nós com a intenção de nos prevenir do estado de Ruina em que se encontravam as mencionadas ruas e pedir-nos para chamar-mos a atenção das entidades competentes para que fosse remediado tal estado de coisas.

Limitamo-nos a dizer a êsses ingénuos paroquianos que a única coisa que poderíamos fazer, era chamar, no nosso jornal, a atenção da Ex.^{ma} Camara Municipal para tão justas reclamações dos seus municipes.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mas} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h
FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

Evora, monumental cidade

Na Igreja de S. Francisco, ha ainda digno de observar-se, mais pelo lúgubre capricho a que presidiu tal construção do que pela manifestação de arte, que aí é nula, a célebre casa dos ossos. Instalada num recinto abobadado, baixo e com claridade muito escoada, sem outra nota do que a grandiosidade macabra de que literalmente está investida, a chamada CAPELA DOS OSSOS tem apenas a caracterisá-la na sua essencia litúrgica um vulgarissimo altar, de pouca altura, igualmente sem recomendação artística e evidentemente deslocado, uns tantos livros de cantochão, gigantes no seu formato e encadernados vulgarmente, com refôrços metálicos, tal como o exigiam os preceitos de então nas obras volumosas, pesadas e de manuseio constante.

Mas, êsses livros enormes, de pautas e de sinalização colossais, propositadamente assim desenhadas para que tôda a comunidade simultaneamente pudesse lêr, entoando em côro os seus sinais, não era crível que aí os montassem em estantes para o desempenho dos seus atributos de harmonia.

Perdôem-me os leitores — se acaso os tenho — estas divagações críticas com que lhes derivei a atenção e sigam-me na visita a essa tétrica estancia de terror. As paredes, as columnas de apoio, enfim tudo está reves-

tido de crânios, fêmures, tíbias, peróneos e mais ossos, dispostos com simetria e que atestam iniludivelmente o grande alaúde de esqueletos necessários para levar a cabo tão enervante obra.

Diz nos a história que o Tribunal do Santo Officio, nos miseráveis tempos da Inquisição, condenára só em Evora 22.000 infelizes, tidos por heréticos. Não será pois demasiado erróneo, pela ousadia do cálculo, computar em muitos milhares de mortais os que vieram a ceder os seus osseos despojos para esta arrepiante demonstração duma fôrça ignóbil e sectária que deshonorava os mais líndimos intuitos da verdade apregoada pelo Nazareno.

Como o restrito espaço de que dispõe o nosso jornal não se compadece com as divagações que a arte, a etnografia e a observação directamente colhida pudesse fazer sentir em quem escreve estas mal alinhavadas linhas, limitamo-nos a afirmar que da visita á cidade de Evora se colheu uma excelente impressão, não só pelo trato afável e cavalheiresco dos seus indigenas, como também pelo aspecto da cidade, limpa, simpática no seu conjunto e, a-pesar-de velha, remoçada pelos infatigáveis cuidados dos seus edis.

Alexandre Settas.

De relance...

Ora até que enfim! Já não há falta de água, transitoriamente, na nossa freguesia. A natureza, resolveu em duas semanas, o problema que centenas de comissões de paroquianos interessados no assunto não conseguiram resolver em muitos anos e após longas canceiras.

Por êstes nove mezes (que periodo tão extravagante) ninguém, nem mesmo nós, se preocupará jámais com isso.

Lá para fins de Junho, depois dos arraiais, é que são elas; voltam então todos a pôr as mãos na cabeça, se até lá o Sr. Carlos Pereira, não tiver misericórdia de nós, mandando concluir as obras designadas na segunda fase do contrato que fez com o Estado, e que de algum modo nos beneficia.

Como os habitantes de Algés, Oeiras, etc., devem ficar fartos de água êste inverno, é natural, pois, que se lembrem de nós.

Fresina.

Menina Maria Luiza A. Farinha

Com a idade de 6 anos faleceu no sabado, 7, a menina Maria Luiza Alberto Farinha, interessante criança que era o enlevo de seus pais e de todos que com ela privavam. O seu funeral, que foi bastante concorrido, realisoouse no domingo 8 para o cemiterio da Ajuda, onde ficou sepultada em jazigo municipal.

A seu pai, o nosso amigo sr. Jorge Dintz Farinha, chefe da secretaria das obras do Palácio do Congresso, e a seu tio, o nosso amigo e assinante sr. João Alves, bem como á demais familia, enviamos os nossos sentimentos pesames.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em cortice, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 - LISBOA

TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações eléctricas a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

A AJUDA DE OUTROS TEMPOS

Depois de nos termos demorado na referência feita á Casa-nobre de Lázaro Leitão, justo é que algumas palavras digamos acerca de outra casa próxima, de que já por duas vezes fizemos ligeira menção: quando demos a re-venha das igrejas e capelas da freguesia da Ajuda, e quando recordámos o requinte atingido pelas festas sumptuosas com que os ricos e nobres de outros tempos, ostentando vaidades e desbaratando fortunas, deslumbravam os seus numerosos amigos e convidados.

Trata-se agora da casa no sítio da Junqueira, edificada dentro da quinta actualmente conhecida por Quinta das Aguias.

No interessante livro da autoria do illustre investigador, Sr. Artur Lamas, intitulado *A Quinta de Diogo de Mendonça no sítio da Junqueira*, baseamos as breves notas que vamos dar aos nossos leitores.

Foi em 1713 que o licenciado Manuel Lopes Bieudo e esposa D. Maria de Abreu Bacelar adquiriram o terreno onde fiz-ram a quinta e construíram a casa, que ainda conserva no exterior os traços primitivos.

Dezto anos depois a propriedade foi cedida por contrato de aforamento a Diogo de Mendonça Corte Real, filho ilegítimo de outro individuo do mesmo nome, e antigo secretário do estado de D. João V.

O novo proprietário, na intenção de melhorar e enriquecer a sua vivenda, adquiriu em 1751 um terreno anexo, a que deu o título de Quinta da Rosa, e com a qual ampliou a que já lhe pertencia, constituindo desta maneira, no conjunto, a *deliciosa quinta e palácio* a que no seu livro alude João Baptista de Castro.

Diogo de Mendonça, que era formado em cânones, e, depois de tomar ordens, foi abade de Santa Maria de Fragoso, exerceu diversos cargos de importância politica, e o rei D. José, em 1750, nomeou-o Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar.

Em 31 de Agosto de 1756, porém, foi de surpresa intimado a sair de Lisboa, e ainda hoje se ignoram os motivos que determinaram uma tão inesperada e violenta resolução da parte do monarca. O suposto réu jurou, sobre o seu breviário, que estava inocente de qualquer crime, mas, forçado a cumprir a ordem régia,

seguiu escoltado por tropa para o norte do país, de onde pouco tempo depois o degredaram para Mazagão. Só quando esta praça foi abandonada pelo Governo português, Diogo de Mendonça regressou ao continente, vindo a morrer em Peniche, no ano de 1771.

Falho de recursos, e talvez perdida a esperança de voltar á liberdade, Diogo de Mendonça mandou, do seu destêrro, autorisação para se arrendar o palácio da Junqueira, que em 1756 foi occupado pelo cardinal patriarca D. José Manuel.

O patriarca faleceu dois anos depois, e então Diogo de Mendonça cedeu a casa para residência do irmão, D. João Pedro de Mendonça Corte Real, e sua família. D. João, em virtude do seu génio dissipador, achava-se em circunstâncias precárias, mas depois de instalado na casa que a generosidade do irmão lhe proporcionava, conseguiu dêste a promessa de doar-lhe á filha, D. Maria Francisca todos os bens, incluindo a Quinta da Junqueira. E, como recompensa de tanta liberalidade, D. João e a esposa recebiam e gastavam em seu proveito os rendimentos do irmão, apropriavam-se do producto de vendas para que alcançavam dele autorização especial, deixavam de satisfazer os encargos da casa, sem de cousa alguma darem contas ao infeliz que, por ordem do rei, soffria inclemências longe da pátria, e reduzido á miseravel situação de pedir dinheiro emprestado para se manter.

Foi então que o soberano, condoído da penúria a que a dissipação dos parentes sujeitava o seu antigo ministro, o autorizou a cobrar em cada ano 5.000 cruzados do ordenado que tinha tido como conselheiro do Tribunal da Fazenda.

O procedimento incorrecto e desleal da familia levou Diogo de Mendonça a queimar o testamento feito em 1762, e, por escritura lavrada em Mazagão, doou as quintas e palácio da Junqueira ao Hospital Real de Todos os Santos, da cidade de Lisboa.

Não se conformou D. João com as disposições tomadas pelo irmão, e, quando a Mês de Misericórdia, administradora do Hospital, pretendou tomar posse dos bens doados, foi-lhe judicialmente con-

testado esse direito, com fundamento na prometida doação em favor de D. Maria Francisca. A acção correu lentamente nos tribunais, pois tendo sido intentada em Novembro de 1764, só teve resolução definitiva em Maio de 1837, quando entre os últimos detentores dos bens de Diogo de Mendonça já figuravam netos de D. Maria Francisca e bisnetos de D. João Pedro de Mendonça.

Em Maio de 1838 é que a Misericórdia tomou finalmente posse do palácio e quinta da Junqueira; mas o Hospital de S. José, como sucessor do antigo Hospital de Todos os Santos, decidiu logo vendê-los, em vista do estado de ruína em que se encontravam, não possuindo aquella instituição recursos para os avultados encargos que da reconstrução adviriam.

Depois de posta em praça, por várias vezes, foi a propriedade, em 1841, adquirida, a preço de ridicula quantia, pelo marchante José Dias Leite Sampaio, que já ali tinha instalado o seu matadouro.

Nada ganhou o Hospital, pois que o producto da venda foi decerto muito inferior á quantia dispendida no longo e demorado processo.

Leite Sampaio, mais tarde agraciado com o título de Visconde da Junqueira, iniciou logo no palácio obras de vulto e substituiu o muro, que separava a quinta da Rua da Junqueira, pelo gradeamento ainda hoje existente, mandando colocar sobre os pilares do portão as duas águias, que são emblema das armas dos Sampaio, e deram á quinta o nome porque desde então ficou conhecida.

Faleceu Sampaio em 1870, e a quinta coube em herança a sua filha D. Emilia Angélica Monteiro Sampaio, casada com José da Paz Castro Seabra, Conde da Junqueira por decreto de Abril de 1874.

Por morte da Condessa, já viúva nessa ocasião, a propriedade foi trans-

(Conclui na página 7)

Nova Padaria Taboense
DE
ANTÓNIO LOPES MARQUES
Esta padaria está patente ao publico para serem as suas condições hygienicas
R. das Mercês, 118 a 120 - SUGUSAL - T. Paulo Martins e Largo da Paz
AJUDA - LISBOA

Farmacia
SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone 8.323

Consultas

pelos Ex. Ex. Dr.

CARRILHO XAVIER

Partos, Doenças das senhas, Clínica Geral

TODOS OS DIAS das 11 ás 12 h.

MEDINA DE SOUZA

Coração e Pimões Clínica Geral

TODOS OS DIAS das 17 ás 19 h.

Serviço noturno ás quintas-feiras



Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA

PAPELARIA

com secção de

Tabacaria

Perfumaria

Livraria

Artigos esportivos

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. 8.329

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 552, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros) que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Áo menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

VINDE OUVIR O VAGABUNDO...

Oh! Não rias de mim; vem ouvir a história do vagabundo e depois, condemnna-me ou absolve-me:

Pai, nunca conheci. Minha santa mãe, por cruel destino, foi para a companhia dum saltimbanco, que logo viu em mim um precioso elemento para o seu negócio. Tinha então oito anos de idade e os maus tratos dêsse homem, eram constantes, porque eu não tinha queda para tal vida.

Uma noite, se bem me lembro! Era noite de passagem de ano. A *troupe*, encontrava-se trabalhando numacidade do Alentejo; o meu carrasco nessa noite, obrigou-me depois de me bater muito, a subir para um trapézio, onde executaria difíceis trabalhos. Chorei, disse-lhe que tinha medo, implorei-lhe que tivesse dó de mim, mas nada, nada consegui daquele miserável, que rindo a bom rir, insultava e ameaçava minha pobre mãe, que tinha acorrído em meu auxilio.

Não tive outro remédio senão obedecer-lhe e comecei subindo pela corda, sempre com o olhar fixo naquelle que tanto temia. Atingido o trapézio, a um sinal imperativo do monstro, comecei balouçando, sem noção do que fazia; as ovações do publico, eram constantes. Por vezes, ouvia muitas vozes gritando: Basta, basta... mas balouçava sempre... até que fechando os olhos, completamente exausto de forças, larguei as mãos e fui estatelar-me no meio da pista.

Não sei quanto tempo durou o meu alheamento das coisas. Quando voltei a mim, encontrava-me deitado numa fofa cama do hospital da Misericórdia de Evora, onde foram tam misericordiosos para comigo, que nunca o pude esquecer. Tinha quebrado as pernas, diziam-me as irmãs da caridade e era preciso estar quietinho. Eram tam boas para mim, que me não abandonavam o leito.

Soffria dores horribéis, mas sentia-me alegre, pela certeza que tinha de ali permanecer bastante tempo, longe

do monstro a quem tomia tanto, como odiava.

E assim foram passando meses, sem que minha mãe fosse ver-me. Eu já me levantava e amparado por uma das carinhosas irmãs, passeava um pouco. Sentia-me tam feliz, que chegava a ter inveja daqueles pobres doentes, que dali não saíam tam cedo; pudesse eu trocar com elles, que não exitava.

Estavamos em dia de Ano Novo, portanto um ano depois do meu desastre. Soube que era este dia, porque, umas senhoras que visitaram o hospital distribuindo brinquedos ás crianças, também me contemplaram com alguns. Eu nunca tinha possuio tais mimos e a alegria que senti, fez-me até esquecer a minha fatalidade.

Todo embevecido, comecei a mexer nas coisas lindas que me deram. Até lhes tocava a mão, não os fosse estragar. E era tal o meu contentamento que corria dum lado para o outro, a abraçar os meus pequenos companheiros de enfermaria.

E foi nesse momento que vieram dizer-me que tinha alta. Eu não sabia o que era ter alta. Disseram-me então, que queria dizer que me ia embora, porque já estava curado. Vestiram-me outro fato, e levaram-me até ao Jardim do hospital, onde uma mulher que eu não conhecia correu para mim, pegando-me ao colo, beijando-me sofredamente. Essa mulher que eu não reconheci, era minha mãe. Estava uma velhinha completa. E lá fomos muito agarrados um ao outro; contou-me então que o nosso verdugo, a não deixava um só momento, para que me não pudesse visitar. Por vezes tentou fugir para me ver, mas nunca o conseguiu, porque o canalha apparecia sempre.

E minha mãe, depois de me contar tudo isto, aconselhava-me resignação, ao mesmo tempo que dizia, ser necessário uzarmos de todas as precauções para conseguirmos fugir-lhe.

Assim chegámos á barraca maldita, onde se encontrava aquelo que era a nossa sombra negra. As palavras que pronunciou ao ver-me, foram de insultos para minha mãe, por lhe ter desobedecido, indo buscar-me. Disse-lhe até, que enquanto eu não pudesse trabalhar, me não dava de comer. Ela que tirasse do seu quinhão,

porque de contrário, deixava-me morrer de fome, visto que o tinha prejudicado um ano antes, inutilizando um espectáculo que tinha farta assistência. E demais, dizia-lhe, ainda se lembrava das ameaças da policia, quando lá foi chamado para historiar o desastre, como se ele não fosse o único d'no de todos que trabalhavam na companhia.

Minha mãe ao ouvi-lo, chorava sem cessar, mas o bruto, comprazia-se em fazê-la soffrer, não parando com as ameaças e dizendo-lhe que um dia, quando ela se encontrasse a grande altura num dos seus arriscados trabalhos, faria com que a corda se partisse, e era uma vez a mulher dum saltimbanco.

E assim se passaram meses, que digo eu, anos, sem que nos pudessemos ver livres dêle.

Uma noite, o nosso carrasco, que já então era muito velho, ao voltar bastante embriagado, caiu por uma ribanceira, onde mais tarde outros companheiros do acampamento, o foram encontrar já morto. A alegria que sentimos por tal facto, foi indescritivel; não era só minha mãe e eu, que rejubilávamos de contentamento; todos lhe tinham um odio profundo, mas todos o temiam...

E foi o bastante para que cada qual, procurasse destino. Eu que já tinha vinte anos, fui com minha mãe, viver para uma aldeia próximo de Evora e ali me dediquei com todo o ardor, aos trabalhos rurais. Eramos felizes e chegámos até a esquecer o passado. Viviamos um para o outro e todas as noites ao voltar do trabalho, a velhinha apressava se a pôr a ceia na mesa. Assim foram passando algumas semanas, até que uma noite, noite de tormenta tempestade, quando ambos nos encontrávamos sentados á lareira, se ouviram passos lá fora e uma voz firme e sonora, bradou:

— Abra!

Olhámo-nos apavorados. Quem poderia ser, a tal hora?

Fui abrir a porta. Era um homem de fisionomia carregada e que depois de me perguntar o nome, me entregou um papel, dizendo-me ao mesmo tempo que se faltasse seria prêsso. E não me deu tempo a fazer-lhe qualquer pergunta; sumiu-se nas trevas. Fiquei como que petrificado; faltava-me a coragem, porque tinha um presentimento. Depois, mais tranqüilo, comecei a ler.

Bem tinha feito minha mãe em me ter ensinado.

— Então? — perguntou-me fixando-me com um olhar interrogativo, em que bem demonstrava a ansiedade que lhe ia na alma.

— Rebentou a guerra e tenho de me apresentar amanhã sem falta, no quartel de infantaria, para seguir com as primeiras tropas.

— Carlos, Carlos! Que dizes?! Então sempre é verdade o que as vizinhas diziam. E tu não estremeces, Santo Deus! Não te revoltas contra tam bárbaro crime?

— Mas que quer que eu faça? Não sou só eu; os outros, também para lá vão. Socegue, mãe, peço-lhe. O grande amor que nutre por mim, fá-la desvairar. E' necessário ter coragem. Não vê como estou tranqüilo... Tenho de marchar, é esse o meu dever...

— O teu dever?! Endoideceste! Então chama-se dever abandonares tua velha mãe? E foi para isso que eu tanto chorei por ti! Foi para isso que eu passei fome, para te alimentar o frio, para te vestir? Foi para que tu, sem um remorso, vás embebedar te de pólvora, vás matar e vás morrer? Eu que tantas vezes aquecia no meu corpo, os teus pezinhos gelados e que parecia endoidecer quando te ouvia tossir...

— E as outras? Então cá na aldeia não há mais mães? Veja lá, como elas se sentem orgulhosas pelo dia de amanhã!

— Ouve-me! Eu nada tenho com as outras. Que me importa que elas sejam criminosas? Eu sou mulher e só me sentiria satisfeita, chicoteando-as. E és tu, que chamas a isso, ser mãe! Uma mulher que entrega o filho á morte, não é mãe. Se até as próprias leões defendem seus filhos, muitas vezes arriscando a vida!

— E' impossível, minha mãe. Tenho de partir. Descansemos um pouco, porque amanhã, muito cedo, estarei deabalada. Coisa alguma deste mundo evitará que eu marche. Tem de ser.

— Então vai. Mas lembra-te filho, que para cumprires com o tal dever, faltas a outro mais sagrado.

Alta noite, levantei-me e fui ver minha mãe que dormia, mas muito agitada. As suas palavras ainda me feriam os ouvidos. Vacilei, mas acabou por me vencer o espirito fera, de que todos temos um quinhão. E fugi, porque se não aproveitasse esse momento, jámais o faria. Corri pelos campos, numa alucinação louca, amaldiçoando a própria vida, que de nada me servia. Depois parava; parecia ouvir ao longe, a voz de minha mãe, gritar-me:

— Carlos, meu Carlos! Tem compaixão de mim! Volta para casa!

Corri mais ainda! Os pés já em chaga, continuavam patinhando lama. Louco, saltando valados, caindo por vezes, para logo me levantar, continuei sempre correndo, até que ao amanhecer, cheguei á cidade, onde um número substituiu o meu nome.

Em poucos dias, recebi a instrução e no dia em que me preparava, quem sabe se pela última vez, para ir abraçar minha mãe, de quem não recebia notícias, foi dada ordem para embarque imediato. E lá fomos de baixo de forma em direcção ao comboio. Já dentro duma carruagem, ouvi gritar pelo meu nome. A multidão que se encontrava na gare, era grande, porque todas as pessoas de família dos que partiam, lá estavam, possivelmente para a derradeira despedida... E continuava a ouvir chamar por mim, sem distinguir a pessoa; aquela v. z., não me era desconhecida.

Já muito distantes do ponto de par-

tida, contaram-me uns camaradas, que após o comboio se pôr em andamento, viram uma velhota tentar subir, o que foi evitado pelos empregados da estação. Essa velhota, era concerteza minha mãe, que eu não tornei mais a vêr.

Depois de alguns dias de viagem, chegámos à base de operações. O tiroteio, era constante e apavorava-me. As ordens que recebiamos, era para que ninguém arredasse pé.

De repente, ouviu-se um estrondo formidável, que fez abalar a trincheira onde nos encontrávamos. Uma imensa nuvem de pedras, caiu sobre nós, ao mesmo tempo que do lado onde se dera a explosão, surgiu um oficial cheio de sangue e com o rôsto queimado. Nós mesmo o arrastámos para dentro da trincheira e rasgando as camisas, embebendo-as na água dos cantis, lhe suavizámos quanto podemos o seu sofrimento. Entretanto, o combate, foi afrouxando e só muito longe se ouvia ainda o troar do canhão.

Soubemos depois quem era o oficial, quando uma ambulância o veio buscar. Tratava-se do alferes Júlio... que tinha apenas 18 anos de idade e possuía uma coragem e valentia pouco vulgar.

Alguns anos passados, já em Portugal, quando um dia vagueava por qualquer rua, alguém me segurou o braço. Voltei-me e reconheci-o. Era êle, o alferes Júlio, que eu julgava morto. Por momentos, não podemos articular palavra, tal a emoção que sentimos. Depois, abraçamo-nos, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Hoje, que são passados bastantes anos, ao vermo-nos, sentimos a maior alegria...

Dedica ao seu querido e velho amigo Carlos de Sousa

Alexandre Rosado.

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os lencs

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

CONSTRUCTOR CIVIL

Inscrito na Camara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 — Ajuda

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. Ferragens para construção e maçonaria. Olcos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende
Drogas, produtos químicos, tintas
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

AGUA MOLE EM PEDRA DURA ...

(Continuado da 1.ª página)

Só aqueles que por tal transe têm passado e sofrido essas contingências podem avaliar o sacrificio, a tortura moral e fisica dos que pagam rendas elevadas!

* *

Ora o artigo 2.º do referido decreto diz que as casas económicas «serão distribuidas, dentro das preferências fixadas e em regime de propriedade resolúvel, aos chefes de família, empregados, operários ou outros assalariados, membros dos sindicatos nacionais, funcionários públicos civis e militares, e operários dos quadros permanentes de serviços do Estado e das câmaras municipais, que se responsabilizem pelo pagamento de determinado número de prestações mensais nas condições estabelecidas neste decreto».

Acreditando na melhor das intenções, será uma solução de futuro, mas nós encarámos-a imediata, urgente, para que não seja tomada por núvem de poeira lançada aos olhos do povo. Em nosso entender, o primeiro passo a dar para a realização desse objectivo, seria o Estado proceder ao arrendamento das casas do Bairro Económico da Ajuda, procurando socorrer os habitantes mais necessitados da freguesia respectiva adentro da maior isenção, aliás, uma aspiração justíssima dessa numerosa população trabalhadora, que ha muito almeja ver realizado esse sonho.

«Não se perde de vista o fim com que se têm construído as casas económicas do bairro da Ajuda — declara o Governo — e por isso, ao mesmo tempo que se fixam quantias relativamente pequenas para base de licitação, faculta-se ao arrendatário a compra da casa que habite», e neste sentido «as casas, quanto a nós, deveriam ser arrendadas em primeiro lugar, aos que vivem nas decantadas barracas, que são uma das maiores vergonhas da nossa fre-

guesia. E então depois, seriam alugados indistintamente aqueles que sobrassem. Este é o nosso critério desde o primeiro dia».

As palavras atrás transcritas resultam da preferência dada aos «funcionários civis ou militares cujas funções sejam exercidas na freguesia da Ajuda e, entre estes, os que estejam a pagar renda superior a 25 por cento do seu vencimento total mensal e tenham familia mais numerosa que com eles viva».

Com semelhante critério — preferência de classe — o problema, para os que habitam nas imundas pocilgas humanas, continua e continuará sem solução...

A propósito recorda-nos ter lido algures uma opinião de Santo Ambrósio que dizia: «a terra é património dos homens», parafraseando diremos: O Bairro Económico da Ajuda será de quem tiver melhores garras...

Carlos José de Sousa.

A Ajuda de outros tempos

(Continuado da 4.ª página)

mitida a uns primos, que em 1914 a arrendaram ao Sr. José Morales de los Rios.

Os novos proprietários constituíram uma sociedade por cotas, em que por fim foram admitidos mais alguns sócios, e, depois de várias cedências de quotas entre estes, a sociedade encontra-se reduzida a dois únicos sócios, o Dr. Manuel Caroco e Dr. Fausto Lopes Patrício de Carvalho.

Numa escritura datada de 1748 fala-se da capela pertencente ao palácio de que nos ocupamos, dizendo que elle tinha a invocação de *Nossa Senhora da Encarnação*. Divergiendo apenas na maneira de dizer, o padre João Baptista de Castro afirma que o orago da Capela era *Nossa Senhora da Anunciação*. Um primitivo retábulo, pintado por Quillard, representando a Anunciação, assim também o comprova.

Alfredo Gameiro.

DESCULPEM, MAS ...

Descendentes dos mais variados tipos da raça branca, a quem por força de circunstancias especiais foi imposta nesta terra a residencia definitiva, constituindo assim durante seculos um tipo de raça com uma ascentralidade indefinida, não nos podemos eximir completamente a um caracter um pouco impulsivo e ao mesmo tempo impersistente, defecista e derrotista, o que nos tem levado, certamente, a nunca completarmos as obras iniciadas com ardor, principalmente quando essas obras não implicam beneficio immediato para os que as executam ou ideiam.

Este pensamento que expomos com máguca, nasceu no nosso cerebro no dia em que verificámos o estado de ruina em que se encontram as vias de comunicação da nossa freguesia.

E' necessário modificar este estado de coisas, pois a continuarmos nêle, arriscamo-nos ao amolecimento que fará em pouco de nós todos uma raça inferior.

Como é possível uma modificação, que nos melhore e nos coloque ao pé dos outros tipos de raça?

A nosso ver, muito simplesmente: — Basta que nos dediquemos ao estudo das nossas mais instantes necessidades, com a ideia de a elas prover sem prejudicar outras, isto é de forma a que removida uma dificuldade se não prejudique o futuro.

Infelizmente as nossas actuais condições de vida não nos permitem a execução de grandes planos, pelo que teriamos de nos limitar a melhorar o existente reparando o que a acção do tempo e o atrito tem destruído.

O que o paciente leitor acima viu, serve de justificação (a nosso ver) á reclamação que queremos fazer, como habitantes da Ajuda, para que sejam convenientemente reparadas as ruas da freguesia que se encontram em pessimo estado de conservação, devido ao grande transito e á sua já antiga construção.

Sabemos de certeza que as receitas



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L. DA
OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escripturação comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Armam-se pastas de fanlazia e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18
AJUDA — LISBOA
TELEFONE BELEM 517

A VENCEDORA MERCEARIA, CARVOARIA E VINHOS
DE

Alberto Ribeiro de Carvalho

Optima especialidade em vinhos das regiões de Arruda e Samouco, recebidos directamente do lavrador. Vinhos palheto, verde, licôres e seus derivados. Completo sortido em generos de mercearia.

FORNECIMENTO DIRECTO AOS DOMICILIOS

Rua da Torre, 4 a 10 (Ajuda)

Sucursal: Calçada da Tapada, 106 e 108 (Alto Santo Amaro)

≡ SALÃO ≡ TELEF. B. 124

PORTUGAL

Travessa da Memória — Ajuda

SÁBADO 14 e DOMINGO 15 — O empolgante filme de aventuras do oeste, com Warner Baxter
O Bandido Generoso
 e o emocionante e mimoso filme dramático
Alma da Rua

DOMINGO, 15 — MATINÉE ás 3 horas da tarde, com os filmes
O BANDIDO GENEROSO, NA VESPERA DO DIA FATAL e CHARLOT NAS TERMAS

SEGUNDA-FEIRA, 16 — **O GRANDE MILAGRE e LUZES DE BUENOS AYRES**

QUARTA-FEIRA, 18 — O filme clássico **OS NIBELUNGOS**
 QUINTA-FEIRA, 19 — **O 14 DE JULHO e EU DE DIA E TU DE NOITE**

SABADO 21 e DOMINGO 22 — **TESS NO PAIZ DOS ÓDIOS e O REI DOS POLICIAS**

SEGUNDA-FEIRA, 23 — **A ARANHA e EMBAIXADOR SEM CERIMÓNIA**

QUARTA-FEIRA, 25 — **CHANDU, O FAKIR e CHANTAGEM**

QUINTA-FEIRA, 26 — **EXCELENTE PROGRAMA**

TELEF. B. 99 ≡ CINEMA ≡

PALATINO

R. Filinto Elísio (Alto de Santo Amaro)

SABADO 14 e DOMINGO, 15 — O belo filme policial
O Fidalgo Ladrão
 com Richard Dix, e mais os excelentes filmes: **Denuncia involuntária, Charlot nas termas, Miniaturas, Fantoche humanos, O circo encantado, Noticiário sonoro e Documentário português**

DOMINGO, 15 — MATINÉE ás 3 horas da tarde, com os filmes
A DEBANDADA, NA VESPERA DO DIA FATAL, DENUNCIA INVOLUNTARIA, MANHA CONTRA FORÇA, DOCUMENTARIO PORTUGUEZ

SEGUNDA-FEIRA, 16 — Os magníficos filmes **A FRENTE INVISIVEL e VIAGEM DE NUPCIAS**

QUARTA-FEIRA, 18 — **A FILHA DO REGIMENTO e FRANKENSTEIN**

QUINTA-FEIRA, 19 — **Tarzan, o Homem Macaco e O Demónio e a Carne**

SABADO 21 e DOMINGO 22 — **O ULTIMO HOMEM SOBRE A TERRA e RECRUTAS DO AMOR**

SEGUNDA-FEIRA, 23 — **A SEVERA** e outros filmes sonoros

QUARTA-FEIRA, 25 — **PROGRAMA SENSACIONAL**
 QUINTA-FEIRA, 26 — **O BANDIDO GENEROSO e O PASSAPORTE MALNITO**

O Salão Portugal e o Palatino vão exhibir esta epoca as melhores produções, para o que fixaram contracto com todas as firmas alugadoras

camararias sofrem os efeitos da crise económica geral, mas também sabemos que sendo a freguesia da Ajuda uma das maiores de Lisboa, não deixa de pagar os seus impostos camararios, pois que se assim não fôsse seria esta parte de Lisboa um asilo de indigentes a quem os outros protegeriam com uma assistência rudimentar.

Se a area da cidade vai aumentando, se a população da Ajuda vai seguindo o mesmo caminho, certamente as receitas irão crescendo a seu lado, sendo justo que aos habitantes daqui seja dada uma parcela de bem estar, parcela essa que neste caso se resume ao seguinte:

Das receitas conferidas por intermedio da freguesia da Ajuda, uma parte será empregada na reparação das ruas que se encontram intransitáveis.

Viriato Pedro Antunes da Silva.

BILHETES DE VISITA

desde 4500 o cento

C. da Ajuda, 176 - LISBOA - Telefone B. 329

JARDIM BOTANICO DA AJUDA

Razão tínhamos nós quando em 18 de Março do corrente ano, n.º 38 deste quinzenário, aconselhávamos os habitantes desta freguesia a irem juuto do Ex.º Sr. Dr. Sousa da Camara, Dig.º Director do Instituto Superior de Agronomia, pedir-lhe permissão para poderem levar os seus filhos a respirar naquele lindo recreio que é o Jardim Botânico, o ar puro que não respiram nos pateos e bêcos onde, na maior parte, habitam, porque sabíamos que S. Ex.ª é Homem de acção, e de coração.

Ainda não há muitos dias, que na companhia do Director e Administrador deste jornal, tivemos a honra de ser recebidos por S. Ex.ª, a quem fomos entregar a representação, que foi transcrita no n.º 51 deste quinzenário, e já hoje temos o prazer de noticiar o seu deferimento.

Tendo conhecimento que algo de extraordinário se fazia adentro das portas do Jardim, fomos na companhia do nosso amigo João Alves, como representantes de «O Comércio da Ajuda», ao Instituto Superior de

Agronomia, procurar o illustre Professor Ex.º Sr. Dr. André Navarro, um novo cheio de vontade, que sabíamos ser a pessoa incumbida pelo Ex.º Sr. Director de dar cumprimento ao que nos havia prometido, que era fazer tudo e que pudesse em benefício do nosso pedido, por lhe reconhecer toda a justiça.

Recebidos amavelmente por S. Ex.ª foi-nos dito com tanto contentamento como aquele que nós sentíamos, que estavam empregando todos os recursos de que o Instituto pode dispôr para que o Jardim seja exposto ao público no mais breve prazo possível, aguardando só o auxilio da Camara Municipal e da Comissão de Desemprego, que com certeza não lh'o recusam.

Só o que S. Ex.ª receia é que os visitantes não saibam respeitar como é necessário todas as plantas e objectos nele contidos, mas quanto a isso garantimos-lhe que o povo da Ajuda, saberá cumprir os seus deveres e temos a certeza de que ninguém comprometerá a nossa palavra.

Francisco Duarte Resina.

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
 SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496